

Conversas sobre a obra « A queda do Céu", publicado no dia 31/08/20

Coordenadoras do Evento: Profa Denise Machado, Assessora da Diversidade e Inclusão Social - ADIS/Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo - LAANF; Profa Maria Soeli Farias-Lemoine, Doutora em Etnologia Indígena pela Universidade de Strasbourg, France, Pós-doutoranda Associada junto ao Centre d'Antropologie Culturelle, Universidade Paris-Descartes-Sorbonne (2020/2021).

Autoras do artigo: Profa Denise Machado, Assessora da Diversidade e Inclusão Social - ADIS/Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo - LAANF; Profa Maria Soeli Farias-Lemoine, Doutora em Etnologia Indígena pela Universidade de Strasbourg, France, Pós-doutoranda Associada junto ao Centre d'Antropologie Culturelle, Universidade Paris-Descartes-Sorbonne (2020/2021).

O IPEASA proporcionou na tarde do dia 29 de agosto de 2020 o diálogo virtual sobre uma importante obra que trata das realidades brasileiras, em especial daquilo que envolve povos originários, conhecidos como povos indígenas. A obra escolhida para o debate tem sido tema de inúmeras reflexões acerca do atual contexto brasileiro, mas que se remete também ao modelo de exploração que a Amazônia vem enfrentando há muitos anos.

Com o objetivo de levar uma reflexão sobre o contexto brasileiro à partir do pensamento intelectual indígena, convidamos a todos os membros do IPEASA e grupos parceiros, GEAM, GEPI, GEAMAZ, a ler, debater, trocar idéias e levantar uma proposta de intervenção coletiva a fim de dar apoio aos Povos originários do Brasil que neste momento estão confrontando-se com a exclusão e a discriminação total do governo, mesmo quanto ao direito à assistência à saúde pública. Além do mais, as decisões do governo de Bolsonaro corroboram com o genocídio e o desaparecimento dos Povos Indígenas da Amazônia e a nossa Biodiversidade em favor da exploração do ouro em Terras Indígenas, da contaminação pelo mercúrio derramado diretamente nos rios e da pandemia que se alastra nos territórios indígenas da Amazônia.

A obra "A queda do Céu" do pensamento de David Yanomami Kopenawa descrita, escrita e comentada pelo etnólogo franco-marroquino Bruce Albert, lançada primeiro na França em 2010 e no Brasil em 2015, é o resultado de anos de relato captados por Bruce Albert em companhia de Davi Yanomami Kopenawa, relatando a teoria etiológica yanomami, a intervenção dos grandes projetos trazendo as epidemias, "xawara", e o mal dos objetos manufaturados dos não indígenas, esses três elementos com mais o sistema capitalista avassalador, todos responsáveis pela "queda do Céu", ou seja, o fim da humanidade, como se exprime Davi Yanomami Kopenawa, em artigo do Instituto Humanitas da Unisinos, na reportagem Racismo ambiental, 2019 : 'Mataram pelo ouro, agora para produzir bijuteria'.

Os povos yanomami, eram um dos povos considerados os mais isolados do Brasil até que, nos

anos de 1940, o governo decidiu separar a fronteira das terras Yanomami entre o Brasil e a Venezuela. Para os povos indígenas, não há esse tipo de fronteiras. Eles sabem que seus parentes foram separados geograficamente, mas na cosmologia, no universo indígena, no imaginário, eles pertencem a mesma área cultural etnográfica. Embora, sofrendo todo tipo de perseguição, eles ainda vivem nas Reservas da Biosfera do Alto Orinoco com o rio Caciquiare, afluentes do Rio Branco e rio Negro, estes últimos já na Amazônia brasileira. Segundo os dados da SESAI (2011), eles contavam pelo lado brasileiro 19.338 indivíduos, em 2011. No ano de 2012, a população Yanomami contava com 38 mil indivíduos entre os dois lados, Brasil e Venezuela. Do lado brasileiro, contava-se 250 aldeias, aproximadamente.

Além dos funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, antigo SPI, hoje, Funai, missionários religiosos se estabeleceram no território Yanomami levando várias epidemias, como o sarampo, a rubéola, a gripe, dizimando logo no início da missão duas de suas aldeias. Nos anos 1970, o governo militar decidiu construir uma estrada cortando a Amazônia ao longo da fronteira norte. Sem nenhuma consulta aos povos Yanomami, trabalhadores do governo percorreram o território indígena com tratores, caminhões e outros materiais, expondo as comunidades Yanomami a outros tipos de epidemias, à prostituição, a violência sexual, ao alcoolismo, à exploração de menor, entre outros. Os Yanomami da aldeia Opiktheri morreram subitamente com inúmeras doenças trazidas pelo projeto da estrada. Os prejuízos nas suas vidas foram devastadores.

Os Yanomami têm uma cultura remarcável pelas casas comunais circulares chamadas de "yanos" ou shabonos. Uma casa yanomami pode abrigar até 400 pessoas. No centro de suas casas, bastante amplo, se praticam as festas, os rituais, as danças, as reuniões. Cada família tem sua própria fogueira onde preparam seus alimentos durante o dia e durante a noite o fogo é mantido para o aquecimento e o conforto do grupo.

Quanto à cosmologia, os Yanomami consideram-se filhos de OMAMA, o criador deste povo. Omama, é filha do monstro das águas, denominado "Tëpërësi", que é o dono das plantas cultivadas. Omama é responsável das regras da sociedade e da cultura yanomami atual. Foi Omama quem criou os espíritos auxiliares dos pajés, os xapitipë ou kekurapë. O filho de Omama foi o primeiro xamã. O irmão ciumento e **malcado** de Omama, chama-se Yoasi, que deu origem à morte e aos males do mundo. Por isso Davi Kopenawa não aceitou esse primeiro nome que os adultos desejaram lhe dar quando era criança.

Os linguistas classificam as línguas yanomami em quatro grupos que falam línguas da mesma família: yanomae, yanomami, samima e ninam. Já os yanomami vão além dessa classificação. Eles consideram suas línguas: yanomama ou yanomami; Sanöma, yawari, Waika, Xirixana, ninam e a língua ye'kuana, falada também em território yanomami. A terra para os Yanomami, "urihi", que significa, a terra-floresta, é uma entidade viva, possuída de seres humanos visíveis e não-humanos, invisíveis: "A Terra-floresta só pode morrer se for destruída pelos brancos", diz Davi Kopenawa sem sua obra *A queda do Céu* (2015). O etnônimo yanomami é uma expressão de cunho da própria antropologia, que a partir da palavra "yanomami" do espanhol, que na fala yanomami, é mais completa, "yañomami thëpë", significa, em sua essência, "seres humanos". Essa

nomenclatura foi criada para distinguir os yanomami da categoria "napê", inimigo, o homem branco, o estrangeiro, mas pode ser estendida aos animais de caça e aos seres invisíveis.

Duas personalidades foram de fundamental importância para os povos Yanomami, aos quais eles se associaram para ir à luta de seu território. A fotógrafa jornalista Suiço-brasileira, Claudia Andujar, que em 1971 fez uma reportagem sobre a Amazônia e descobriu a triste situação de mortalidade dos Yanomami por epidemias trazidas pela sociedade não-indígena; e o professor pesquisador etnólogo franco-marroquino, Bruce Albert. Sobre Claudia Andujar, diz Davi Kopenawa: " Ela me deu um arco e uma flecha, não para matar os brancos, mas o arco e a flecha para defender meu povo".

Em 1978, Claudia Andujar, Bruce Albert e o Povo Yanomami fundam uma associação junto com o missionário Carlo Zacchini, chamada, Comissão Pro-Yanomami. Nasceu a grande campanha de luta pela homologação do território Yanomami, que só foi reconhecido em 1992. A Luta pelo Povo Yanomami de Claudia Andujar, exposição de fotografias que neste ano de 2020 percorre vários países da Europa (com apoio da Fundação Cartier da Suíça). Quando ao Etnólogo Bruce Albert, em seu capítulo "A Fumaça e o Metal", incluído na obra de Davi Kopenawa e Bruce Albert, ele faz uma análise da história e representações do contato entre os Yanomami e os povos não indígenas. Sua crítica muito pertinente releva a pouca atenção que os cientistas sociais deram às representações, ao imaginário e aos sonhos indígenas. Aquilo que Eduardo Viveiro de Castro chama de perspectivismo ameríndio. Talvez a antropologia brasileira tenha dado mais atenção ao estruturalismo levi-straussiano e ao americanismo tropical. Talvez se privilegiou o campo exótico, étnico, deixando as relações sociais, as relações de contatos e todas as consequências que a realidade brasileira está inserida no que concerne os povos indígenas.

Hoje, o avanço das fronteiras do sistema econômico mundial desenfreado "enrolou" os povos indígenas num emaranhado complexo, submerso às mais atroz violências. Qual a saída para os povos indígenas cercados de todos os lados pelo capitalismo selvagem? Esse mal que chegou nas aldeias e que divide os parentes. Bruce Albert, nos alerta ainda para as dinâmicas cognitivas e a estratégia cultural que os povos indígenas construíram e ainda precisam ser estudadas mais a fundo.

A obra « A queda do céu » se refere, ao mesmo tempo, ao contexto dos povos indígenas e àquele do chamado povo não indígena. Com uma escrita poética e contundente, provoca reflexões sobre o modo de produção capitalista e o quanto a lógica do mercado é prejudicial aos seres vivos, inclusive os seres humanos.

Embora trate dos desafios impostos ao povo Yanomami, as reflexões trazem inúmeras inquietações a partir da visão e da perspectiva indígena. Dentre estas, ressalta-se a exploração de minérios, a poluição dos rios, a degradação da vida animal e vegetal e as mazelas sociais que enfrentamos. Desde o início da obra, incluindo o modo como foi produzida, há mensagens para todos os seres humanos.

Com prefácio de Eduardo Viveiro de Castro, um dos maiores nomes da Antropologia

contemporânea, o livro « A queda do céu » pode ser lido e debatido por todas as pessoas. Inclusive, propoz-se que a mesma seja tratada nas escolas, nas universidades e em espaços outros. A « mensagem que vem da mata » necessita ser ouvida e acolhida por todos nós, sob pena de vermos o mundo, nosso mundo, vir a baixo. Desse modo, a queda do céu seria o resultado do que fazemos cotidianamente sem nos posicionarmos criticamente diante dos impactos socioambientais próprios do consumo desenfreado.

Ao tratar de seu próprio nome, Davi Copenawa indica o quanto os brancos, ou não indígenas, provocam violência simbólica, e não apenas a violência física. A entrada no território deste povo evidenciou o quão prejudicial foi para a saúde física, para sua cultura, para suas relações sociais. A busca pela riqueza material intensificada na Amazônia com os Grandes Projetos implementados em meados do século XX, atingiu os povos indígenas de tal modo, que muito de seus territórios e o modo de vida diferenciado, pôs em risco todo o bioma desta região. Os rios morrendo, as espécies animais e vegetais sendo exploradas à exaustão, as doenças sendo trazidas pelos não indígenas, são algumas das razões para inquietações, luta e diferentes ações para a defesa da vida Yanomami e de outros grupos sociais.

A pandemia nos trouxe o medo e a insegurança, mas também nos fez refletir sobre o quanto as doenças podem exterminar vidas humanas. Assim, necessário se faz pensar de maneira crítica sobre nossas ações, valores e pensamentos acerca da vida em sociedade, do modo como consumimos desnecessariamente, das desigualdades sociais, da maneira com nos alimentamos e como lidamos com o sagrado. Por certo, essa oportunidade de diálogo e reflexão não se esgota nesta data, mas será levada a outros momentos criados para debater sobre a vida, sobre o mundo, sobre a espiritualidade, sobre a solidariedade tão necessária em nossos tempos.

Bibliografia

Davi Kopenawa; Bruce Albert (2010). La chute du ciel - Paroles d'un chaman yanomami. Préface de Jean Malaurie. Collection d'études et de témoignages fondée et dirigée par Jean Malaurie. Editions Terre Humaine. ISSN : 0492-7915

Referências online

<http://www.ihu.unisinos>: Davi Kopenawa: "Bolsonaro é o que nos, Yanomami, chamamos de xauara, possui um pensamento adoecido" . Publicado em 07 Agosto 2019.

<http://www.survivalinternational.org/povos/yanomami>: Historia dos Yanomami

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yanomami>: Introdução - Kami Yamaki Urihipê, Nossa Terra-Floresta